

**CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS
CEP**

LUIZ CARLOS DURANTE JUNIOR

A (NEGAÇÃO DA) MORTE QUE NOS (SUS)TENTA

CICLO III – TURMA DE TERÇA-FEIRA – 19H30

1º SEMESTRE DE 2017

A (negação da) morte que nos (sus)tenta

Todos os dias que depois vieram, eram tempo de doer. Miguilim tinha sido arrancado de uma porção de coisas, e ainda assim, estava no mesmo lugar. Quando chegava o poder de chorar, era até bom – enquanto estava chorando, parecia que a alma toda se sacudia, misturando ao vivo todas as lembranças, as mais novas e as muito antigas, aquelas coisas bonitas que o tempo havia de sempre teimar em tirar.

João Guimarães Rosa

RELATO

A primeira vez em que escutei H.B., 17 anos, foi um tanto confusa. Foi algo como a descrição de um sonho com sua própria morte: a lâmina afundando nas suas veias, a respiração pesada, o abraço desesperado da mãe, a água da banheira com sangue deitando pela escada.

Recém-chegada à cidade, H.B. conheceu um garoto e, em um encontro, foi tirada uma foto indiscreta. A imagem foi difundida na escola em que a garota estudava e, em pouco tempo, a jovem que havia dado apenas um beijo teve sua reputação arruinada.

Escutar H.B. me fez enxergar diferentes pontos de vista. Cada nuance, cada herói ou vilão que tocaram sua vida só me faziam pensar em que poderia falar a ela para conter sua dor e angústia. À medida que se passaram os dias, novas facetas foram reveladas, novos culpados por sua miséria humana e angústia psíquica foram apresentados.

H.B. falou de uma relação forte de amizade que se perdeu por uma quebra de confiança. Também relatou um caso de stalking, em que um fotógrafo do colégio a fez sentir perseguida e vigiada até dentro do seu próprio quarto. Descreveu ainda uma tentativa de abuso sexual em um encontro com outro garoto, justamente pela fama que passou a carregar desde o boato.

A adolescente reclamou que se sentia sozinha, isolada e sem conexão com as pessoas. Os relatos seguiram com casos de bullying, assédio, exploração, além da violência dos métodos de avaliação educacional e dos valores distorcidos de mérito. O peso da decisão profissional também apareceu, sumindo o valor humano e surgindo o número como referência.

Em uma tentativa de reconexão com o sensível, H.B. decidiu participar de um grupo de poesia. Mas uma poesia de autoria da jovem foi publicada sem sua autorização. Ainda que a publicação tenha sido de forma anônima, fez com que se sentisse traída e exposta. “As pequenas coisas importam”, disse certa vez.

Uma das falas mais difíceis trazidas por H.B. foi de quando presenciou o estupro de uma amiga que estava alcoolizada e, por medo, se calou com essa culpa. Na mesma noite, um acidente matou um aluno. H.B. não teve culpa, mas, novamente, se manteve em silêncio.

O sentimento de culpa trouxe mais isolamento e aumentou sua dificuldade de se comunicar. H.B. passou a falar de uma insuportabilidade das situações e da sensação de vulnerabilidade. Ela nunca expôs nada disso aos pais.

Citou um amor não concretizado, justamente pela vulnerabilidade à qual se via posta por todas as cenas traumáticas já vivenciadas. Em meio a toda a dor que já vinha sofrendo, relatou uma festa onde foi estuprada e não teve força para reagir. O abusador foi o mesmo que violentou a amiga e a garota mencionou seu medo, sua paralisia e sua culpa. Foi para casa destroçada. H.B. relatou que dividiu sua existência em quatro níveis (coração, reputação, alegria e alma) e sentiu como se tivesse falhado em todos.

A jovem buscou ajuda do conselheiro da escola. Porém, não foi ouvida e se sentiu desrespeitada e até culpabilizada pelo estupro sofrido. O conselheiro afirmou que, se ela não disse “não”, foi porque não tentou parar o ato e, portanto, deveria seguir em frente.

E seguir em frente foi justamente o que a garota fez.

“Se você estiver ouvindo isso, você é um dos porquês”, era o que dizia H.B. (Hannah Baker) na primeira das sete fitas cassetes deixadas como “carta de despedida”, contando os 13 porquês que a levaram ao suicídio.

ABORDAGEM

A explanação que segue é tão somente uma tateante tentativa de abordar o tema suicídio usando como pano de fundo a série da Netflix *13 Reasons Why*, bem como de abordar alguns fatores que possam colaborar para esse debate aquecido.

Na série, Hannah Baker tem sua vida destruída por um boato que se espalhou no colégio e que funcionou como um catalisador de uma sequência de abusos que culminaram no suicídio da garota. O suicídio de Hannah surpreende quem conhece sua história e motiva uma discussão acerca de suicídio, bullying, cyberbullying, slut-shaming, valorização humana e respeito.

O slut-shaming é uma espécie de bullying que desmoraliza principalmente mulheres por meio de boatos referentes a sua reputação. Tem-se notícia de inúmeros casos de slut-shaming com a objetificação feminina, em que assédio se torna elogio, em que homens imaturos usam mulheres de forma narcísica e doentia.

Atualmente, observa-se uma movimentação midiática tratando o suicídio como uma doença contagiosa, em que há um grupo de risco e possíveis contaminados com a ideia. O suicídio não é doença, antes, é uma consequência de um sofrimento profundo. Portanto, apontar o suicídio como algo a ser prevenido equivale a tentar curar a febre com o termômetro. O número atual de suicídios é um índice que assinala a febre da ignorância, da

falta de contato real com o outro, do isolamento promovido pela tecnologia travestido de aproximação, do sofrimento psíquico, da melancolia, do culto à imagem, entre tantos outros fatores fervilhantes de uma sociedade que adoce.

Nunca é possível saber ao certo os motivos que levam alguém a tirar a própria vida. A morte assombra o animal humano mais que qualquer outra coisa, afirmou Ernest Becker. Com isso, quando o suicídio se torna a melhor chance em relação à possibilidade de algum gozo, uma questão emerge: qual o tamanho do sofrimento psíquico do sujeito para chegar a tanto?

O animal humano nega a finitude e busca a imortalidade heroica com tamanha veemência que torna até o que seria o fim apenas mais um estágio. Após a morte, a simbologia permanece para os que ficam e inclusive nesse momento percebe-se quem tem maior ou menor lugar social. No caso de Hannah, as fitas com o relato do seu sofrimento rumo à morte, em alguma instância, a tornam mais presente do que em vida.

O suicídio é um ato privado, mas, segundo Durkheim, é um fato social. O autor propõe que todo indivíduo que cogita tirar a própria vida é acometido de uma tristeza insuportável. Assim, defende que algumas variáveis sociais podem apontar condições mais ou menos propícias ao suicídio.¹

Durkheim classifica o suicídio em quatro tipos: anômico, fatalista, altruísta e egoísta. O suicídio do tipo anômico ocorre durante crises sociais ou econômicas. No suicídio do tipo fatalista, há pressão social e regulação excessiva do Estado. O suicídio do tipo altruísta acontece quando há subordinação total aos fins sociais. E, por fim, o que mais interessa a este

¹ DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

colóquio, o suicídio do tipo egoísta se dá em razão da fragilidade ou da precariedade dos laços sociais.

De acordo com Durkheim, o suicida egoísta toma sua decisão definitiva quando perde as conexões com o mundo, quando se sente sozinho e irrelevante para os demais. Nesse sentido, a fragilidade dos laços sociais pode promover o isolamento, a melancolia, o vazio o sentimento de não existência.

O suicídio egoísta interessa em particular à prática clínica, pois, neste caso, existe a possibilidade de ajuda analítica, tendo-se em vista a necessidade de suporte afetivo para que o analisante possa elaborar a falta. Isso leva à hipótese de que Hannah Baker talvez não tivesse se suicidado se houvesse tido a oportunidade de passar por um trabalho analítico.

Em “Luto e melancolia”, Freud sustenta que:

(...) nenhum neurótico abriga pensamentos de suicídio que não consistam em impulsos assassinos contra outros, que ele volta contra si mesmo, mas jamais fomos capazes de explicar que forças interagem para levar a cabo esse propósito. A análise da melancolia mostra agora que o ego só pode se matar se, devido ao retorno da catexia objetual, puder tratar a si mesmo como um objeto – se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto, e que representa a reação original do ego para com objetos do mundo externo.²

É suposto que Hannah se achava nesse lugar de melancolia e de objetificação do eu, caminhando para um afastamento da pulsão de vida, com uma navalha já encostada na veia. Ao tentar compreender o sentimento dos pais de Hannah, pode-se pensar que onde eles mergulharam em sofrimento a sociedade erigiu um totem para suportar um tabu.

² FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Volume XIV. Luto e melancolia. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 257.

Em “Totem e tabu”, Freud afirma que o “tabu traz em si um sentido de algo inabordável”.³ Trata de proibições como o incesto e a morte, desejos que não podem ser postos em prática, pois impedem, em última instância, a existência em uma sociedade desejosa de pulsão de vida.

Quando alguém próximo se suicida, de alguma forma, está falando de um fracasso existencial do ambiente, como se dissesse “eu estive com você tanto tempo e você foi incapaz de me proporcionar uma alegria”. Por isso, além dos aspectos que levam ao suicídio, é importante abordar o processo de luto e melancolia dos amigos, da família e, sobretudo, dos pais da vítima.

Um aspecto do sentimento de culpa de pais que perdem seus filhos é que eles já desejaram a não existência do filho em algum momento, mesmo que inconscientemente. Por um período, os pais não querem e não podem melhorar dessa culpa e dessa tristeza. De forma inconsciente, permanecer em tal estado pode levá-los a manter o filho por perto de algum modo, dando sentido às suas vidas pelo viés do sofrimento. Viver o sofrimento pode proporcionar o luto e, por outro lado, impedi-lo pode gerar a melancolia.

No processo de luto, após determinado período, o sujeito reduz o investimento no objeto perdido. O que torna isso possível é a pulsão de vida. Na melancolia, por sua vez, ocorre o oposto e se culpar pode levar o sujeito em direção à pulsão de morte. A morte, quando bem simbolizada, evidencia o valor da vida. Mas é difícil definir quanta simbolização é possível para pais que perdem um filho por meio de um suicídio.

Dos profissionais que lidam com adolescentes nas escolas, é esperado que tenham o mínimo de preparo para estar atentos àquilo que um

³ FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Volume XIII. Totem e tabu. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 37.

adolescente revela, sendo possível mobilizar a família de algum modo, sempre que necessário. Nesse contato, podem ser captados alguns elementos sensíveis mesmo sem a escuta acurada da psicanálise, mantendo a atenção para um dito não revelado, mas que a escuta e o olhar são capazes de perceber.

Muitas vezes os pais se esquecem de escutar os anseios do adolescente e de se perguntar o que ele quer. O fato de um adolescente não pedir ajuda não significa que não quer ser ajudado. Quanto à ajuda analítica ou não para um adolescente que não a pediu, pode-se oferecer outro tipo de intervenção envolvendo a família e a escola, não necessariamente um trabalho clássico, mas entre um setting e nada, existe um sem número de opções do que é possível ser feito.

Com isso, um aspecto a ser destacado é como as instituições se preparam para escutar e para intervir ativamente. Se percebe que a família não tem condições de ajudar o adolescente, uma instituição deveria ter base para orientá-la. Sabe-se, no entanto, que além de, frequentemente, não possuírem apresto, alguns profissionais das instituições podem ter angústias com as quais tampouco eles sabem como lidar. Assim, acaba-se esbarrando em uma deficiência estrutural.

No caso de Hannah, vale a reflexão: a quem ela endereçou o pedido de ajuda? A garota se dirigiu a alguém que de certa maneira poderia escutá-la ou, ao contrário, se dirigiu àquele que não podia nada fazer? Talvez o conselheiro ocupasse um lugar neutro, pois ela não conseguia falar do tabu do estupro com os pais. Pode ter julgado mais coerente tratar o assunto com

alguém estranho, uma autoridade com a qual ela não tivesse vínculo afetivo e que não a preocupasse com um possível julgamento moral.

Outro aspecto é que, dependendo da qualidade do vínculo entre pais e adolescentes, recorrer aos pais pode despertar a ideia de falência; possivelmente, até o surgimento de uma fantasia infantil como: “se falar com meus pais, eles vão aparecer na escola, conversar com as pessoas que estão fazendo bullying e isso pode tornar a situação pior”.

Uma particularidade da adolescência é a tentativa de achar um lugar no mundo quando adulto, momento muito angustiante que remete a “quem eu vou ser?”, “quem sou eu?”, “o que vai ser da minha vida?”.

Cabe aos adultos perceberem que lugar o adolescente está tentando ocupar no mundo e ajudá-lo nessa ação. Há de se pensar num fenômeno cultural: a própria questão da adolescência e da configuração familiar. Pais trabalham fora, não dão a atenção devida aos filhos e acabam extrapolando com mecanismos de compensação, agindo como se não vissem determinadas atitudes, não dialogando, não repreendendo, não colocando limites e, assim, o resultado dessa equação, muitas vezes, não é o que se espera.